

Percursos pela apropriação na arte: uma experiência em arte e tecnologia

Percurses for appropriation in art: an experience in art and technology

Ceila Teresinha Bitencourt de BITTENCOURT¹
Cíntia Medianeira Bitencourt de LIMA²
Reinilda de Fátima Berguenmayer MINUZZI³

Resumo

O presente texto apresenta, em um primeiro momento, uma contextualização a respeito do assunto "apropriação na arte", trazendo artistas que se utilizaram deste recurso para fazer suas reflexões. Em um segundo momento, relata-se uma experiência com alunos do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria na oportunidade de um *workshop* disponibilizado pelo Grupo de Pesquisa Arte Design/CNPq, da mesma Instituição Federal. O objetivo foi refletir juntamente com os estudantes a relação da apropriação na arte com a contemporaneidade artística e de que forma estas questões suscitadas podem contribuir com suas pesquisas pessoais no campo das artes. O resultado do trabalho foi positivo, pois além do envolvimento dos alunos com a proposta, foram produtivas as questões levantadas, acompanhadas de reflexões comprometidas com uma reflexão maior no que se refere ao lugar da arte contemporânea no nosso tempo.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Arte e Tecnologia. Apropriação. Imagem.

Abstract

The present text presents, in a first moment, a contextualization on the subject "appropriation in the art", bringing artists who have used this resource to make their reflections. In a second moment, an experience with students of the Visual Arts course of the Federal University of Santa Maria is reported in the opportunity of a workshop offered by the Group of Research Art Design / CNPq, of the same Federal Institution.

¹ Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria. Membro do GAD (Grupo de Pesquisa em Arte e Design). Membro do Grupo de Pesquisa MOVIOLA - Laboratório de Estudos, Pesquisa e Produção em Memórias e Narrativas Audiovisuais do POSCOM (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: ceilabbittencourt@gmail.com

² Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Pesquisa Arte e Design/CNPq da Universidade Federal de Santa Maria, enfocando as relações arte, design e tecnologia. E-mail: cmbdelima@gmail.com

³ Doutora em Engenharia de Produção/Gestão do Design pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006). Professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria, RS. E-mail: reinilda.minuzzi@gmail.com

The objective was to reflect together with the students the relation of the appropriation in the art with the contemporary art and how these raised questions can contribute with their personal investigations in the field of the arts. The result of the work was positive, because in addition to the students' involvement with the proposal, the questions raised were productive, accompanied by reflections committed to a greater reflection on the place of contemporary art in our time.

Keywords: Contemporary Art. Art and Technology. Appropriation. Image.

Introdução

A arte contemporânea possibilita tantas quantas forem possíveis as propostas artísticas que envolvem os mais diferentes campos do conhecimento em uma relação transdisciplinar com o contexto no qual esteja inserida. A apropriação na arte é uma das tantas possibilidades. Ela permite todas as combinações possíveis de linguagens e mídias, visando um propósito específico de cada artista. Qualquer objeto já carrega em si uma série de significados que por si só já é um discurso. Aquele que o vê tende a recriar o universo ao qual ele pertence.

A apropriação na arte pode ser uma ótima oportunidade de trabalhar questões da contemporaneidade artística no campo da arte/educação. Fala-se muito que hoje em dia, no universo das artes, tudo já existe ou já foi criado por alguém. Assim sendo, parafraseando o teórico Nicolas Bourriaud (2009), o que importa não é produzir algo novo, mas saber o que se pode fazer com o que já existe.

A imagem, a exemplo disso, pode ser explorada de infinitas formas alcançando de diferentes maneiras o espectador, ou seja, ninguém consegue ignorar a presença da imagem. A imagem dá abertura para infinitas interpretações ligadas ao imaginário de cada um. Estática ou em movimento, está o tempo todo brincando ou jogando com o olhar do outro que se mistura ao seu e nesse entrelaçamento surgem novos imaginários. E tudo vai se acomodando formando um todo interligado a construir um universo de poéticas que, de alguma maneira, envolvem as possibilidades abertas pelas imagens. E assim, vão nascendo, de maneira pessoal, outras propostas artísticas e reflexões a partir delas.

O olhar do artista ao seu entorno: ressignificando obras já existentes

A apropriação é vista, por Archer (2001) como elementos tomados de modo favorável para o nosso uso, uma atividade própria da nossa condição pós-moderna. Nessa mesma direção, em relação à prática pós-moderna, Danto (2006, p. 18-19) comenta que o aparecimento da imagem apropriada é considerado uma fundamental contribuição artística da década de 1970. Essa apropriação é entendida como um “empréstimo” de imagens com sentido e identidade instituídos, concedendo-lhes significado e identidade inéditos.

No final dos anos 70, conforme Ribeiro (2008), as expressões “apropriação” e “apropriacionismo” surgiram para denominar as transformações que ocorreram na arte, pela disseminação de imagens, através dos meios de comunicação de massa.

Segundo Fernandes (2013), Marcel Duchamp (1887-1968) e a criação de seus *ready mades* inauguraram a escolha pela apropriação como atitude criativa e artística, ditando o critério e a essência de toda a produção por vir, que quisesse se valer de mesma metodologia. Nesse sentido, Ribeiro (2008) reforça dizendo que Marcel Duchamp, no início do Século XX, exhibe um objeto fabricado como “obra mental” que provoca deslocamentos das questões sobre o processo criativo, levando o artista a lançar um novo olhar para o objeto, em prejuízo de qualquer produção manual. Para Duchamp, a atitude de escolher bastava para dar vida ao processo artístico, tendo em vista que ressignificar um objeto já era prontamente considerada uma criação. Porém, foi somente nos anos 1980, com o surgimento do pós-modernismo e as discussões sobre originalidade, autenticidade e autoria, que o termo “apropriação na arte” serviu como referência a trabalhos de nomes como Sherrie Levine, Richard Prince e Jeff Koons. Atualmente, com a popularização das tecnologias digitais, surgiram outras possibilidades para a arte da apropriação.

Conforme Ribeiro (2008), a apropriação de objetos e imagens da cultura de massa e da sociedade de consumo oportunizou aos artistas da Pop Art, ressaltando a figura de Andy Warhol (1928-1987), a utilização desse procedimento para expressarem sua arte. Assim, as serigrafias de Warhol, com as conhecidas latas de sopa e as imagens de personalidades famosas, tiveram ampla repercussão. Da mesma forma, Archer

(2001) menciona a produção artística de Roy Lichtenstein (1923-1997) que se apropriava de histórias em quadrinhos, selecionando quadros individuais dessas histórias, modificando-as sutilmente para atender seus propósitos (Figura 1).

Figura 1: Andy Warhol. Marilyn Monroe. 1967. Serigrafia (à esquerda).
Roy Lichtenstein. Masterpiece. 1962.



Fonte: < <http://mo.ma/2kyDgYl> > e < <https://goo.gl/cBxmH> >

Para Nicolas Bourriaud (2009, p. 7), a apropriação na arte atinge um número cada vez mais crescente de artistas que vem “interpretando, reproduzindo, reexpondo ou utilizando produtos culturais disponíveis ou obras realizadas por terceiros”. O autor ressalta que não se trata de elaborar uma forma que reivindique a originalidade, uma vez que o objetivo era trabalhar com referenciais em circulação no mercado cultural, selecionando e inserindo-os em contextos determinados. O artista francês Philippe Thomas (1951- 1995) dizia que a soberania das culturas da apropriação e da nova versão dada às formas origina um princípio: “as obras pertencem a todos” (Ibid, p. 35).

Na contemporaneidade artística, localizam-se inúmeros procedimentos e linguagens para a realização poética, sendo de interesse estético não apenas o que se pode fazer na arte atual, mas a maneira como tais recursos são atualizados. Esse panorama, conforme Bourriaud (2009), estimula o artista a ser um “reprogramador” dos signos disponíveis e experienciados coletivamente.

Nos anos sessenta, Douglas Huebler (1924-1997), artista norte-americano, mencionava que o mundo estava repleto de objetos e que não queria ser mais um a saturá-lo. Se a multiplicação desordenada da produção influenciava os artistas conceituais à desmaterialização da obra de arte, na atualidade ela motiva os artistas da

pós-produção a estratégias de mixagem e de combinações de produtos. A superprodução não é mais tida como um obstáculo, e sim como “ecossistema cultural”.

Tais artistas da pós-produção utilizam a forma como enredo, ou seja, criam novas possibilidades para as obras do passado, sejam elas sonoras ou visuais, do passado em sua própria poética. Contudo, eles também inserem seus elementos em novos enredos contribuindo para o surgimento de uma “cultura da atividade”. As formas que estão à sua volta são decodificadas, produzindo materializações dessas narrativas alternativas.

O chinês Wang Du (1956-) é um dos artista citados por Bourriaud (2009). Ele seleciona imagens publicadas na imprensa e as reproduz, dando volume, sob a forma de esculturas de gesso pintado, seguindo fielmente a escala e os enquadramentos originais.

O autor menciona também o artista francês Pierre Joseph (1965-) que, segundo Bourriaud (2009), trabalha de um modo lúdico e instrumental com as formas que opera, estabelece relações ou adapta a novos usos, criando inúmeros processos de reativações. Para o teórico, a vida avança envolta por uma diversidade de imagens, entre numerosas informações presentes no cotidiano. A proposta de Joseph visa atribuir sentido a esse cenário. No trabalho do artista, fica nítida a ideia de renovação das formas e das imagens: “é preciso inventar modos de habitar o mundo” (Ibid, p. 73).

Na obra “*Little democracy*” (1997), Pierre Joseph trabalha com um conjunto de personagens vivos a serem reativados. Esses personagens surgem a partir do imaginário da mitologia, dos videogames, das histórias em quadrinhos, do cinema ou da publicidade (Figura 2).

Figura 2: Pierre Joseph. *Little Democracy*. 1997. Serigrafia.



Fonte: < <http://bit.ly/2BsuVQi> >

Ao se reportar à reprodução como possibilidade de se apropriar de imagens, nunca antes, segundo Jimenez (2002), uma obra de arte tinha sido numerosamente reproduzida como “Mona Lisa” ou “La Gioconda” (1503-1506) de Leonardo da Vinci (1452-1519). A imagem de Mona Lisa se tornaria independente da obra original de Leonardo, explicada pela grande familiaridade que sentimos hoje diante dela. Assim, não é exagero dizer que se trata da obra mais reproduzida e mais conhecida de todo o patrimônio artístico do Ocidente. Esses fatos marcam de forma irreversível a entrada da arte na era da reprodução técnica da imagem. Nada voltaria a ser como antes. A arte havia entrado em um território completamente diferente, ressalta o autor. Convém recordar o pensamento de Walter Benjamin (1892-1940) sobre a reprodutibilidade da arte, ao dizer que a imagem, ao permitir ser reprodutível, liberta-se e rompe com o passado, ou seja, ela não reivindica unicidade, nem originalidade (BENJAMIN, 2013).

Inúmeros artistas, conforme Jimenez (2002), apropriaram-se da imagem de Mona Lisa para suas produções, dentre eles Marcel Duchamp (1887-1968) e sua “L.H.O.O.Q.” (1919). O título da obra de Duchamp “L.H.O.O.Q.”, segundo Xavier (2013), trata-se de mais um dos trocadilhos do artista que, nesse caso, quer dizer, em

francês, *elle a chaud au cul* (“rabo quente”), oportunizando um esclarecimento desmistificador para o sorriso, ao fazer referência a uma parte omitida do corpo da retratada. O artista, em 1917, segundo Peled (2007), tentou sem sucesso apresentar, na mostra de artes da *Society for Independent Artists*, em Nova York, seu trabalho mais polêmico, ou seja, um urinol, intitulado “A Fonte”, um de seus *ready made*, que se tratava de uma apropriação artística de um produto de função utilitária (Figura 3). Seu projeto visava posicionar o urinol na horizontal, assinando “R. Mutt 1917”, uma alteração do nome do fabricante da peça, Mott Works. A letra “R” era para apontar a inicial de “Richard” que em francês quer dizer “pessoa rica”, seguida da data da fabricação da peça. Boito (2013) destaca que “A Fonte” desvia a atenção do texto (obra) para direcionar o olhar para o contexto do circuito da arte, além de investigar as relações de como os discursos artísticos são articulados.

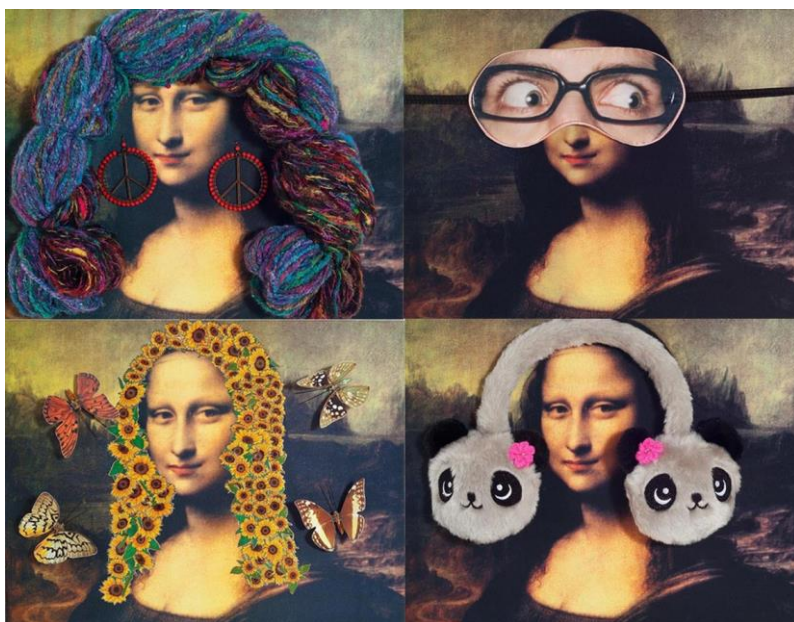
Figura 3: Marcel Duchamp. L.H.O.O.Q.. 1919. Pintura (à esquerda).
A Fonte. 1917. *Readymade*.



Fonte: <<https://goo.gl/Vvzwmq>> e <<http://bit.ly/2ky6VRp>>

No Brasil pós-modernista, Nelson Leirner e Jac Leirner são exemplos de artistas que se utilizaram da apropriação, uma vez que incorporaram objetos do cotidiano em suas poéticas. Nelson Leirner realiza, em 2012, a exposição “Quadro a quadro: Cem Monas” (Figura 4) com a intenção de criticar a tecnologia (sobretudo, pelo uso abusivo da edição de imagens via *softwares*) e a industrialização da arte.

Figura 4: Nelson Leirner . Quadro a Quadro: Cem Monas. 2012.



Fonte: < <http://bit.ly/2zfYcMe> >

Nesse contexto, conforme Esteves e Cardoso (2013), do mesmo modo que a arte apropriou-se de meios utilizados pela publicidade como recurso para suas criações; a publicidade fez uso de imagens relacionadas à arte para impulsionar seus produtos no mercado consumidor. Nesta direção, pode-se citar como exemplo uma conhecida marca brasileira de materiais de limpeza que utilizou também a imagem da Mona Lisa para anunciar seus produtos, destacando que tal produto (um amaciante) "deixa sua roupa uma perfeita obra-prima".

Para os autores, mesmo que a arte e a publicidade possuam particularidades que lhes são próprias, os componentes verbais, visuais e sonoros que são utilizados por esses dois sistemas, concomitantemente com outras linguagens pertencentes à cultura (como a música, a moda, a literatura, etc.) possibilitam aproximações, entrelaçamentos e trocas entre esses dois campos.

Ainda pelo viés da apropriação, referindo-se ao campo do cinema, convém mencionar que as mais diversas possibilidades de apropriação dão origem a termos como “filmes de compilação”, “filmes experimentais de *found footage*”, “filmes de colagem”, “filmes de montagem” e, mais recentemente, “reciclagem audiovisual”, “*collage* audiovisual”, “cinema de apropriação e montagem”, “*remix* digital”, entre outros (FERNANDES, 2013, p. 3).

A prática da apropriação nas obras audiovisuais, ou seja, a reutilização de imagens e sons pertencentes a outros trabalhos está difundida, conforme o autor, por todas as áreas da produção audiovisual contemporânea de modo antes inimaginável. Especialmente no cinema documental, materiais de apropriação retirados dos mais variados acervos e introduzidos em narrativas documentais são amplamente divulgados, atendendo os mais diferentes estilos e projetos.

Convém ainda trazer dois fotógrafos que desenvolveram trabalhos a partir de apropriação de imagens: a fotógrafa e cineasta norte-americana Cindy Sherman (1954-) e o fotógrafo japonês Yasumasa Morimura (1951-). Eles se apropriaram de imagens, por exemplo, da história da arte e de grandes personalidades da história mundial (Figura 5). Conforme Cotton (2010), a maioria das obras de Sherman explora a questão da imagem e da identidade. Por esse mesmo caminho, aparece o trabalho de Yasumasa que assim como Cindy Sherman iniciam seus trabalhos em períodos próximos ao verificarem uma condição propícia para a discussão da identidade.

Figura 5: Cindy Sherman (parte superior). Yasumasa Morimura. Fotografia.



Fontes: < <http://bit.ly/2Bv7Dtc> > e < <http://bit.ly/2kxRRTL> >

Já o brasileiro Bruno Moreschi, criou uma enciclopédia de arte onde foram apresentados cinquenta artistas ficticiais inventados por ele. O projeto foi intitulado "Art Book" (2014) e foi lançado como livro assim como as demais enciclopédias de arte

contemporânea de títulos conhecidos mundialmente (Figura 6). Moreschi investigou e enumerou sessenta perfis de artistas contemporâneos como, por exemplo, artista chinês que aborda a situação atual da China em seus trabalhos, artista que desaprova o mundo da moda e do consumo e, também, artista palestino ou iraniano que produz arte a respeito de sua condição de exclusão no mundo. O próximo passo foi escolher cinquenta destes tipos e ele próprio tomou a iniciativa de desenvolver cada uma das trezentos e onze obras a serem fotografadas, resenhadas e estudadas na enciclopédia, em diversas linguagens, como desenho, fotografia, performance, videoarte e pintura. Nesse processo de criação, envolveu os mais diversos estilos, ou seja, do desenho intimista a projeções urbanas monumentais. Destaca-se que "Art Book" é um projeto de caráter conceitualista (NUNES, 2016). Este trabalho, assim como as demais obras de artistas citados neste texto, aliou-se ao conceito de apropriação para refletir a prática artística na contemporaneidade que, no caso de Moreschi, a relação entre "arte e ficção".

Figura 6: Bruno Moreschi. *ART BOOK*. 2014.



Fonte: < <http://bit.ly/2yGgRwZ> >

Pelo viés da apropriação, o artista multimídia Fábio Oliveira Nunes se apropria da capa da revista *Artéria* com o intuito de projetar sua revista *Alteria* e alcançar seus objetivos, sobretudo, de questionar a ficção na arte. Este projeto, conforme Nunes (2014), surge da ideia de desenvolver uma revista que apresentasse trabalhos de várias personas. Para isso, o meio escolhido foi uma revista de poesia visual. A referência

imediate foi a revista *Artéria* (1975) dos poetas brasileiros Omar Khouri e Paulo Miranda.

Nunes se apropria do nome *Artéria* e como num trocadilho resulta em *Alteria* (Figura 7). Conforme o autor, a troca de letra evidencia o propósito de alteridade da nova publicação e de seus autores. O artista utiliza as mesmas letras e a mesma solução de capa da edição dos anos 1970, ou seja, substitui a imagem do rosto do pai de um dos organizadores daquela edição, pela face de Marcel Duchamp e essa passa a ser a imagem da capa de *Alteria*. A produção de *Alteria* foi totalmente independente, assim como foi a revista *Artéria*.

Figura 7: Revistas *Artéria* (parte superior) e *Alteria*



Fonte: <<https://goo.gl/uncntR>>

Ao considerar o que foi anteriormente mencionado, pode-se verificar que na arte nada é de forma descompromissada, mesmo quando este possa ser o objetivo, ou seja, não ter o compromisso com algo o que já é um compromisso com alguma causa. Trazendo isso para a questão da apropriação, pode-se dizer que ela não é algo inovador para a contemporaneidade artística, mas coloca o artista frente a questões bem atuais

como refletir até onde podemos chegar com esse olhar ao redor e/ou para o passado nas artes e o que essa postura transforma o seu pensar e agir.

Apropriação na arte: uma experimentação com alunos de artes visuais

Pode-se verificar, no decorrer do texto, que são muitos os caminhos que trazem a questão da apropriação para o campo das artes. A oportunidade de desenvolver um projeto direcionado aos alunos do curso de Artes Visuais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), aconteceu no workshop, em 2017, aberto pelo Grupo de Pesquisa Arte Design/CNPq (GAD/UFSM). O minicurso e as palestras foram ministrados pelas autoras, mestras em Artes Visuais, e sob orientação da líder do grupo.

A proposta de trabalho abordou dois temas: (1) Imagem em movimento/animação: contextualização e implicações na poética contemporânea; (2) Arte e ficção na contemporaneidade artística.

Em um primeiro momento, utilizando uma projeção multimídia, foram apresentadas as pesquisas, em Poéticas Visuais, na linha Arte e Tecnologia, das ministrantes do workshop, que envolviam as temáticas propostas. Os objetivos foram: introduzir, contextualizar e fundamentar o trabalho a ser desenvolvido.

Após, foi introduzido o assunto da “imagem em movimento” desde os primórdios até a contemporaneidade. Nessa oportunidade, foram disponibilizados alguns dispositivos analógicos como o praxinoscópio e *flipbooks* para que pudessem manusear e experimentar a possibilidade de animação. Como a intenção era experimentar a técnica de animação *Stop Motion* com recortes de papel, ela foi exemplificada com trabalhos de animações pesquisados na web.

O apropriação/apropriação na arte foi trazido à tona ao ser apresentadas, por meio de apresentação de slides, poéticas contemporâneas que envolvem o assunto como, por exemplo, o trabalho de Cindy Sherman e de artistas mencionados no livro "Mentira de Artista" (2016) de Fábio Oliveira Nunes. Estes artistas, da mesma forma que Sherman, apropriaram-se de obras ou ideias já existentes para apresentarem seus trabalhos que envolvem "arte e ficção", como foi o caso do projeto "Art Book" (2014), de Bruno Moreschi, já mencionado anteriormente.

Cabe destacar que durante a exposição dos assuntos, foram colocadas questões referentes as possíveis aproximações com a pesquisa que já vinha sendo desenvolvida por cada um dos participantes na sua trajetória acadêmica.

Logo, deu-se início à prática artística. Primeiramente, os alunos criaram um(a) personagem a partir de recortes de revistas e materiais diversos (Figura 8). E, nesta oportunidade, conversamos a respeito de que modo eles estavam buscando trabalhar questões ligadas à apropriação na arte, dando ênfase na arte contemporânea. Cada um justificou suas escolhas embasadas nas suas pesquisas atuais e se mostraram interessados em trazer essa vivência no *workshop* para futuras experimentações.

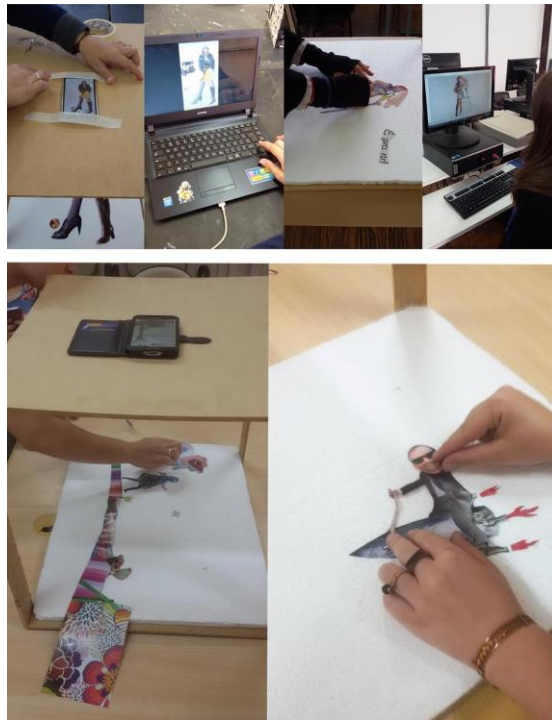
Figura 8: Personagens criados pelos alunos para as animações em *Stop Motion*.



Fonte: Arquivo pessoal

As imagens foram capturadas (*frame a frame*) através de dispositivos móveis (*smartphones*). Enquanto alguns alunos fotografavam, os outros puderam acompanhar o processo dos colegas. Após, foram inseridas as imagens produzidas em *software* específico para possibilitar e finalizar a animação (Figura 9). Durante esse processo, foi trazido o assunto do entrecruzamento de linguagens híbridas (o analógico e o digital) tão recorrente na arte contemporânea.

Figura 9: Captura de imagens para a animação digital e a finalização no computador.



Fonte: Arquivo pessoal

No último momento, foram apresentados os trabalhos produzidos pelos alunos. Eles compartilharam suas impressões sobre o *workshop* e o que foi discutido com o grupo. Os alunos demonstraram aprovação pela proposta que foi desenvolvida.

Considerações finais

A arte contemporânea dá abertura para uma diversidade de manifestações e suas reflexões. Muitos artistas recorrem à prática da apropriação a fim de atualizar as propostas em arte.

O assunto sobre apropriação/apropriação na arte é uma ótima oportunidade de refletir a respeito da contemporaneidade artística com os alunos. Ao trazer questões pertinentes no que se refere à arte, pode-se entender o porquê não é adequado falar de "evolução" e sim de transformação na arte. Se partíssemos da ideia de que a arte evolui, estaríamos concordando com o pensamento de que a arte atual é superior à arte do passado. Mas, o que dizer dos artistas contemporâneos que recorrem ao passado, ou seja, apropriam-se de obras já existentes para ressignificá-las em prol de outras

reflexões? Seria mesmo justo defender a causa de que hoje somos mais evoluídos artisticamente? Ou seria melhor pensarmos que simplesmente "os tempos são outros". Essa é uma discussão que já vem sendo proposta pelo teórico norte-americano Arthur Danto.

Nesse contexto, como relatado no presente artigo, foi desenvolvido um trabalho em Poéticas Visuais, na linha Arte e Tecnologia, com os alunos do curso de Artes Visuais da UFSM e, nessa oportunidade, pode-se verificar o envolvimento dos estudantes com o tema em questão. Eles perceberam que a possibilidade de apropriar-se de um universo de imagens disponíveis no nosso cotidiano é um campo rico de exploração que vem a contribuir com a reflexão de seus trabalhos pessoais.

Considerando o projeto para o *workshop*, partiu-se da ideia de que a imagem é pensada de inúmeras formas na arte contemporânea. Há quem a pense analogicamente e também existem artistas que a constroem digitalmente. Independente da maneira que aparece nas poéticas contemporâneas, acredita-se ser um posicionamento quase unânime problematizar sua relação com o espectador, permitindo, a cada olhar, uma nova experiência desse espectador com a obra. Conseqüentemente, as imagens continuam a influenciar a imaginação das pessoas desafiando-as, o tempo todo, a renovar suas expectativas diante do mundo, atravessado pelas imagens. Daí a iniciativa de experimentar a técnica de animação *Stop Motion* uma vez que o cinema de animação é um campo fértil para potencializar a imaginação. Nessa perspectiva, por que não pensar que tudo pode ter um começo com algo que já foi criado e que agora é possível recriá-lo com novo olhar, trazendo outras questões à tona?

Assim, diante do exposto, reafirma-se a importância de se conhecer como surgiu e como foi trabalhada a questão da apropriação na arte, saber que por meio dela pode-se atualizar ou ressignificar a forma (a ideia) de uma obra já existente e proporcionar novas produções e reflexões no campo.

Referências

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013.

BOITO, Sofia Rodrigues. **O ato fotográfico como ação performática**. 2013. 125 f. Dissertação (Mestre em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. Tradução Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte**. São Paulo: Edusp, 2006.

ESTEVES, Roberta Fernandes; CARDOSO, João Batista Freitas. Formas de apropriação da arte pela publicidade. **PPGCOM – ESPM, Comunicação, Mídia e Consumo**, ano 10, vol. 10, n. 28, p. 137-168, Mai./Ago. 2013. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/download/339/pdf>> Acesso em: 04 jun. 2015.

FERNANDES, Marcos Leandro Kurtinaitis. **Found footage em tempo de remix: cinema de apropriação e montagem como metacrítica cultural e sua ocorrência no Brasil**. 2013. 201 f. Dissertação (Mestrado em Artes) Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2013. Disponível em:

< <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-13092013-112643/pt-br.php>> Acesso em: 02 mai. 2015.

JIMENEZ, José. **Teoria del arte**. Madrid: Editorial Tecnos, 2002.

NUNES, Fábio Oliveira. **Mentira de artista: arte (e tecnologia) que nos engana para repensarmos o mundo**. São Paulo: Cosmogonias Elétricas, 2016.

_____. Mimetizar elementos do sistema das artes para discuti-lo? **Palíndromo**, Florianópolis, n. 11, p. 50-63, jan/jul 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/2175234606112014050>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

PELED, Yiftah. **Ready Made: Inclusão Ruidosa**. In: 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas, 2007, Florianópolis. Anais do 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas. Florianópolis: ANPAP, 2007. p. 1724-1733. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/177.pdf> > Acesso em: 12 maio 2016.

RIBEIRO, Virgínia Cândida. Apropriação na arte contemporânea: colecionismo e memória. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 17., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAP, 2008.

XAVIER, Mariana Merino de Freitas. O riso do artista: o humor e suas subcategorias em estudos de caso de produções artísticas. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Artes e Cultura Visual, VI, 2013, Goiânia. **Anais...** Goiânia-GO: UFG, FAV, 2013, p. 36-47. Disponível em:

< <http://www.fav.ufg.br/seminariodeculturavisual/Arquivos/2013/025-eixo1.pdf>> Acesso em: 04 jun. 2015.